

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO GERAL DA MARINHA
DEPARTAMENTO DE MUSEU NAVAL E OCEANOGRÁFICO

HISTÓRICO

O Museu Naval e Oceanográfico é um museu histórico, configurado, administrativamente, como um dos seis departamentos do Serviço de Documentação Geral da Marinha (SDGM). Foi criado em 1868, por Afonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de Ouro Preto e Ministro da Marinha, mas sua inauguração somente ocorreu em 1884.

Extinto em 1932, seu acervo passou para o Museu Histórico Nacional. Em 1953, com a implantação do SDGM, dentro da Organização Administrativa do Ministério da Marinha, foi reativado como Museu da Marinha, recebendo, posteriormente, o nome de Museu Naval e Oceanográfico, como departamento daquele Serviço, situação em que permanece até os dias atuais.



O prédio onde funciona o Museu Naval foi construído entre 1898 e 1899, tendo sido inaugurado em junho de 1900, como sede do Clube Naval. Entre 1907 e 1914 recebeu, cumulativamente, outros órgãos da Marinha, como o Conselho do Almirantado, a Biblioteca e o Museu da Marinha, a Escola de Guerra Naval, as 1.^a e 2.^a Auditorias e a Consultoria Jurídica.

De 1934 a 1967 serviu ao Ministério da Justiça, nos âmbitos Federal e Estadual, abrigando a Pretoria e algumas Varas Cíveis e Criminais.

Em 1970, o prédio foi novamente transferido para o Ministério da Marinha, que promoveu sua restauração e nele instalou o SDGM, no dia 10 de agosto de 1972.

PROPÓSITO E ATRIBUIÇÕES

O Museu Naval e Oceanográfico propõe-se a destacar a participação da Marinha na História do Brasil.

Suas atribuições estão preceituadas no Regimento Interno do SDGM, podendo ser resumidas nos seguintes tópicos:

- a) orientar, tecnicamente, dentro das normas da Museologia, todos os Museus em funcionamento, no âmbito da Marinha do Brasil;
- b) promover aquisições e incentivar doações que visem ao enriquecimento de suas coleções;
- c) promover exposições dos acervos dos museus da Marinha, renovando-as de modo a atingir melhor os seus propósitos;
- d) promover exposições especiais, técnicas ou científicas, internas e externas, objetivando divulgar a essência das Marinhas de Guerra e Mercante, no desenvolvimento e na segurança do País;
- e) promover exposições relacionadas com eventos históricos, na tentativa de aperfeiçoar a educação cívica do povo, no cotejo com os feitos da Marinha e de seus vultos;
- f) promover cursos, palestras, conferências, simpósios, congressos, encontros, seminários e outros eventos que estejam vinculados à dinâmica de um Museu.



Combate naval do Riachuelo – Óleo/tela de MURTA



Sala Almirante Barroso

O circuito é disposto em seis salas, com as peças montadas cronologicamente, de acordo com o desenvolvimento da História do Brasil:

Sala Pedro Álvares Cabral – Grandes Navegações, Descobrimto do Brasil, Invasões Francesas e Holandesas, Lutas de Independência e Guerra contra Rosas e Oribe.

Sala Almirante Barroso – Totalmente dedicada à Guerra do Paraguai.

Pátio Almirante Soares Dutra – Armamento, equipamentos de bordo, modelos de barcos regionais brasileiros (Coleção Alves Câmara) e uma carranca do Rio São Francisco.

Sala Almirante Saldanha – uma nova fase na História do Brasil, a República. Destaca-se a Revolta da Armada, como fato principal dos primeiros tempos.

Sala Almirante Frontin – I e II Guerras Mundiais.

Sala Almirante Tamandaré – Homenagem aos Chefes Navais que comandaram Lutas Externas até a II Guerra Mundial. Destacam-se as coleções dos Almirantes Tamandaré e Barroso.



Pátio Almirante Soares Dutra

As coleções do Museu Naval e Oceanográfico reúnem pinacoteca, prataria, mobiliário, insígnias e condecorações, peças de antigas belonaves, modelos de navios de guerra, achados arqueológicos, cartas e instrumentos náuticos, e muitos outros objetos relacionados com episódios e vultos da História Naval Brasileira.

Peças mais importantes:

Combate Naval do Riachuelo

Foto em esmalte, executada por José Ferreira Guimarães, em 1872. É o único documento que resta do primeiro quadro de Vitor Meireles, inutilizado acidentalmente pela umidade, depois de uma exposição em Filadélfia.

Posteriormente, em 1882, Vitor Meireles efetuou uma réplica, a rogo do Imperador D. Pedro II, que hoje pertence à coleção do Museu Histórico Nacional.

Agulha de marear

Bússola de declinação, cujo círculo é encimado pela Rosa dos Ventos. Pertencia à Fragata "Niterói", participante das Lutas de Independência, na Bahia.

Carrancas do São Francisco

São os únicos exemplos de esculturas de proa zoantropomorfas. As barcas do São Francisco são as únicas embarcações populares que se conhece, que apresentam figuras de proa, pelo menos nos últimos séculos.

Espada de ouro de Barroso

Oferecida ao Alte. Barroso, pela colônia brasileira residente em Montevidéu.

Coleção Alves Câmara

Compõe-se de 55 modelos de barcos regionais, usados nos rios e mares do Brasil.

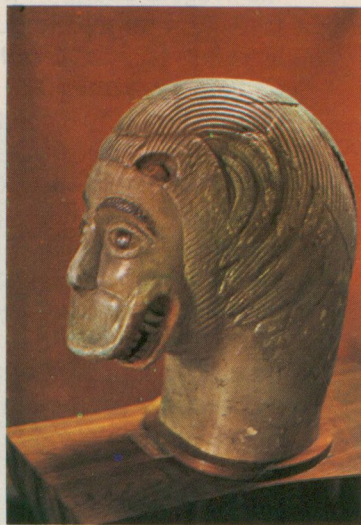
Muitos deles já foram substituídos por barcos a motor, o que faz da coleção uma excelente fonte de estudos.

Figura de proa da Fragata "Niterói"

Talhada em madeira, pertenceu à Fragata



Vista de topo da agulha de marear, da Fragata "Niterói"



Carranca do São Francisco



Espada de ouro que pertenceu ao Almirante Barroso

"Niterói" e representa seu comandante, John Taylor.

Figura de proa do Vapor "D. Afonso"

Talhada em madeira, representava a figura de um anjo, em homenagem ao primogênito de Pedro II, o príncipe Afonso, falecido com pouco mais de dois anos de idade.

Pertenceu ao Vapor "D. Afonso", navio construído na Inglaterra e incorporado à Marinha do Brasil em 1848.

Seu primeiro comandante foi o Capitão-de-Fragata Joaquim Marques Lisboa, futuro Almirante, Marquês de Tamandaré, hoje Patrono da Marinha do Brasil.

Canhão de bronze

Comp. Total: 113 cm

Calibre: 8,4 cm

Fabricado em Amsterdam, por Henricus Vestrink, 1646. Pertencia ao Galeão "Sacramento", capitânia da frota da Junta do Comércio de Lisboa, que, em 1668, naufragou em Salvador, ao largo do Rio Vermelho.

Esta peça é proveniente dos trabalhos de arqueologia submarina que a Marinha do Brasil vem realizando em Salvador, desde 1975.

Colar da Ordem da Rosa

Pertenceu ao Almirante Tamandaré.

Criada por Decreto de D. Pedro I, em 17/10/1868, em homenagem a sua esposa, D. Amélia Leuchtemberg.

Faz parte da "Coleção Alte. Tamandaré", adquirida pelo Serviço de Documentação Geral da Marinha.

Talim e óculo

Peças pertencentes ao Alte. Cochrane, primeiro Almirante do Brasil. O talim foi doado pela Marinha Britânica, por ocasião da visita de Michael Pollock, First Sea Lord.



Figura de proa do Vapor D. Afonso



Canhão de bronze



Colar da Ordem da Rosa

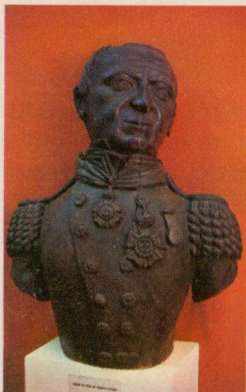
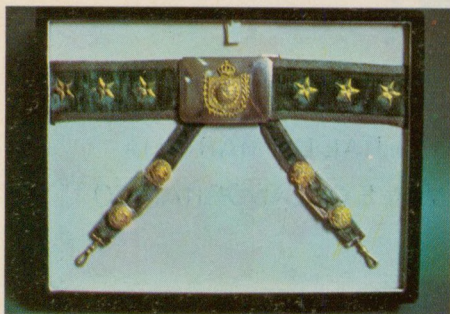


Figura de proa da Fragata "Niterói",
representando seu próprio comandante,
o Capitão-de-Fragata John Taylor



Barco do Recôncavo (Bahia) – Modelo
da Coleção Alves Câmara



Talim que pertenceu ao Almirante
Cochrane

FUNCIONAMENTO E ATIVIDADES

O Museu funciona diariamente, de 12:00 às 16:45.

Suas atividades permanentes: promoção de exposições temporárias, conforme calendário anual, participação em exposições itinerantes, com a cessão de peças do acervo, principalmente em colaboração com o Serviço de Relações Públicas da Marinha e cursos de Modelismo Naval.

Habitualmente, o museu promove concursos para estudantes, concertos de música de câmara e exibição de cinemateca de terceiros, com o objetivo principal de divulgar suas coleções e de atrair público para as exposições temporárias.

LOCALIZAÇÃO E ATENDIMENTO

Rua D. Manuel, 15 – Centro, nas proximidades da Praça XV de Novembro.

O atendimento ao público é feito, em casos especiais, por museólogos. Normalmente, o público é atendido pela equipe de serviço diário. Quando solicitado, o atendimento é feito através de visitas guiadas. A entrada é franca.



SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO GERAL DA MARINHA
DEPARTAMENTO DE MUSEU NAVAL E OCEANOGRÁFICO